



Projeto G.A.M.E.

BOLETIM MENSAL PARA CONTRIBUIDORAS

ÍNDICE

01 – APRESENTAÇÃO	2
02 – RESUMO DO MÊS	3
03 – PRESTAÇÃO DE CONTAS	4
04 – INDICAÇÃO DO MÊS	5
05 – CURIOSIDADES HISTÓRICAS	6
06 – PERGUNTA DO MÊS	9

APRESENTAÇÃO

Olá, tem se mantido razoavelmente hidratada?

Você está recebendo esse boletim pois contribuiu com o financiamento coletivo do Projeto G.A.M.E. A ideia é que você receba-o junto com o e-mail que é enviado até todo mês para as pessoas que contribuíram.

Nesse boletim virá sempre:

- Um resumo das atividades do projeto no mês;
- Uma cópia da prestação de contas disponível no blog;
- Divulgação de qualquer evento relacionado ao projeto;
- Uma indicação de conteúdo feita por mim, Marcus;
- Um resumo de duas biografias e um episódio histórico;
- Uma pergunta do mês.

Qualquer dúvida, crítica ou sugestão, estou sempre aberto para o diálogo, principalmente com vocês que, de alguma forma, acreditaram no projeto. A melhor forma de entrarmos em contato, para mim, é por e-mail (marcusfoliveira@gmail.com), mas se para você outra forma for melhor, podemos providenciar algo, basta dizer.

RESUMO: SETEMBRO de 2019

A primeira aula desse mês, seguindo o esquema de revezamento entre os professores, foi de Vegetoterapia I. Iniciamos essa aula com o professor, Pedro, dando uma definição de simpático e parassimpático (partes do sistema neurovegetativo), e já em cima dessa definição eu fiz algumas considerações no relato dessa aula (disponível no blog). Depois disso a aula continuou a exposição passando pelo conceito reichiano de pulsar, sendo citados exemplos desse pulsar no corpo humano e em outros organismos vivos em geral. Desenvolvendo esse assunto o Pedro acabou mais uma vez chegando na sua discussão sobre “psicologia quântica”, algo ao qual ele diz se opor, mas concorda com várias dessas interpretações pseudocientíficas que abusam do termo “quântico”. O trabalho prático dessa aula foi uma massagem no pescoço, usada, segundo o Pedro, como forma de trabalhar o controle na relação clínica.

Na aula de Análise do Caráter II nós focamos em exercícios de construção de diagnóstico a partir de casos trazidos pelo professor, Marcus Vinícius. O primeiro caso foi passado por ele na aula anterior, para que desenvolvêssemos o diagnóstico processual em casa; para quem se interessar, há uma descrição completa do caso no relato da quarta aula de Análise do Caráter II, no blog. Foi feita uma discussão em grupos (de três ou quatro pessoas) sobre os diagnósticos construídos em casa, e depois essas discussões foram ampliadas com todos os grupos. Depois disso o Marcus Vinícius passou outro caso para que fizéssemos o diagnóstico, novamente seguindo o modelo de discutir inicialmente nos pequenos grupos e depois ampliar o debate para a turma toda.

No domingo, a aula de Técnicas Complementares do Trabalho Reichiano não teve grandes trabalhos. O Pedro passou uma técnica de utilizar uma escova (do tipo que os engraxates utilizam) para escovar a maior superfície possível do corpo da pessoa; o objetivo, segundo ele, é promover uma superficialidade da energia, fazendo com que a energia que está mais no centro do corpo da pessoa venham para a periferia. Mesmo nos relatos das pessoas não houveram grandes demonstrações de potências desse trabalho, apenas relatos que podem ser diretamente relacionados com as sensações prazerosas provocadas por uma massagem geral e genérica.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: SETEMBRO DE 2019

Pessoas Apoiando

Categoria “Chegando Junto”

- Paula Xisto

Categoria “Levantando a Mão Para Perguntar”

Categoria “Somando, um Trocadilho Grego”

Categoria “Multiplicando Vozes”

Categoria “Colocando na Estante”

Categoria “Categoria Preceptor”

- Lizia Regina
- Wriacy Simões

Contribuições Financeiras

Total arrecadado: R\$10.210,00

Total arrecadado no mês: R\$490,00

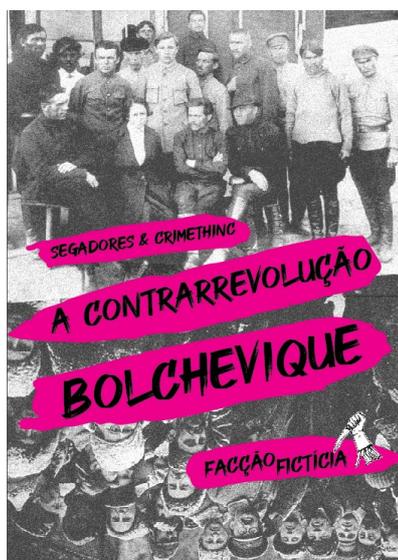
Total gasto no mês: R\$617,90

Mais um mês de declínio do número de pessoas contribuindo financeiramente com o projeto; mas, dessa vez, esse número extremamente reduzido nos impediu de alcançar o mínimo da projeção mensal para alcançarmos a primeira meta. Não temos ideia do que fazer para reverter esse quadro, visto que todas as tentativas de conseguir maior engajamento com as pessoas teve pouco ou nenhum resultado.

Apesar desse problema e do desânimo que ele traz, é importante reforçar o quanto somos gratos a vocês que continuam não só acreditando, mas apoiando o Projeto e fazendo com que ele continue sendo possível.

Uma prestação de contas um pouco mais detalhada e o extrato bancário do mês podem ser encontrados no blog.

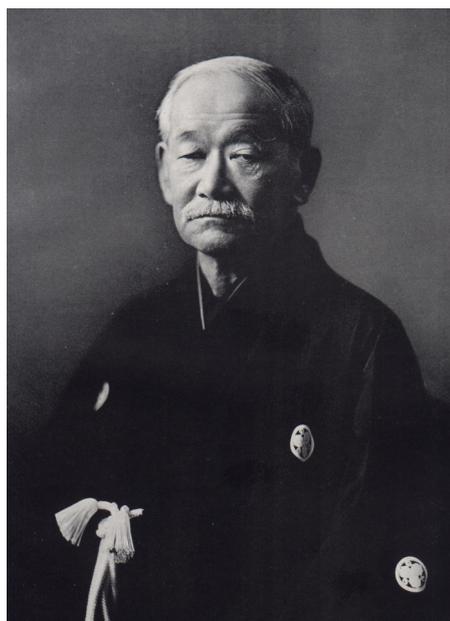
INDICAÇÃO DO MÊS - A CONTRARREVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE



Nos meios militantes é muito comum encontrarmos indivíduos, frases, materiais e discussões que colocam teorias sociais em polos opostos; em certos círculos, a oposição entre comunismo e anarquismo é bastante tensionada, e muita confusão é produzida no meio desses debates. Mesmo a distinção entre teorias ditas de direita ou esquerda, que há poucos anos era clara e não causava nenhum tipo de confusão, hoje se torna impossível visto a falta de precisão conceitual nas definições que se apresentam e na falta de aprofundamento teórico e prático naquilo que se vive, estuda e defende. Não trago essa questão da não-definição de direita e esquerda para fazer qualquer defesa dessa distinção, pois eu sou uma das pessoas que acredita que já há algum tempo essas categorias não ajudam muito a definir e entender a realidade social na qual estamos inseridas; mas, se mesmo definições tão simples não conseguem ser minimamente entendidas, construções teóricas mais complicadas ficam em um campo de impossibilidade de compreensão.

O livreto “A Contrarrevolução Bolchevique”, produzido em conjunto pelos coletivos Segadores e CrimethInc e traduzido para o português pelo pessoal da Facção Fictícia, ajuda muito a criar contornos mais fortes entre o comunismo e o anarquismo através de um resgate histórico de fatos pouco conhecidos mesmo no campo libertário. A diferença teórica entre o comunismo e o anarquismo nunca foi apenas uma discordância entre um modelo de organização social, mas sim uma diferença filosófica radical sobre como devemos encarar o poder e a autoridade; a diferença prática se torna mais explícita e mais gritante, com episódios aonde anarquistas se juntam a comunistas e lutam juntos contra as forças fascistas, apenas para que depois os comunistas assassinem os anarquistas sob o argumento de que esses seriam indivíduos com tendências contrarrevolucionárias. O material pode ser encontrado no blog da Facção Fictícia (na parte publicações → traduções): faccioficticia.noblogs.org.

CURIOSIDADES HISTÓRICAS



Jigoro Kano (1860 – 1938)

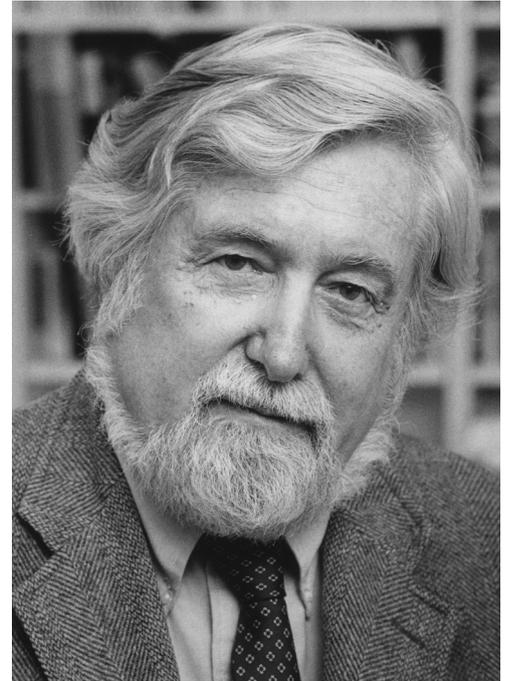
Atleta e educador japonês, fundou o Judô, que foi a primeira arte marcial japonesa a ganhar reconhecimento internacional e a primeira a se tornar um esporte oficial das Olimpíadas. Em sua vida profissional, Jigoro Kano foi um educador, trabalhando em postos importantes como diretor da educação primária para o Ministério da Educação de 1889 a 1901, e como presidente do Tokyo Higher Normal School de 1900 até 1920. Teve um papel fundamental na implementação do Judo e do Kendô como parte dos programas das escolas públicas japoneses dos anos 1910.

Por conta de seu tamanho pequeno, Jigoro Kano sofria agressões na escola; um amigo da família que era membro da guarda do shogun mencionou que o jujutsu (arte marcial praticada pelos samurais, utilizada quando ficavam sem suas espadas) era uma excelente forma de treino físico e da autodefesa, mostrando a Jigoro algumas técnicas. A partir disso, Jigoro Kano se decidiu a aprender mais sobre a arte marcial, mesmo desaconselhado pela família e por esse amigo. Procurou professores que fossem também médicos, teorizando que esses seriam melhores professores. Conforme foi se desenvolvendo percebeu que não adiantava se limitar a uma escola, e assim foi treinando com diferentes professores e estudando em livros e manuscritos a que tinha acesso (a técnica de judo *kataguruma*, com a qual Jigoro derrotou um Fukushima Kanekichi, foi adaptada de um livro de *wrestling* ocidental).

Jigoro Kano estabeleceu o Judo como uma filosofia que englobasse autodefesa, educação física e comportamento moral. Segundo ele, os praticantes do Judô deveriam “desenvolver seus corpos de maneira ideal, para ser excelentes nas competições, e também para desenvolver sua vontade e virtude e fazer o espírito do Judo viver no seu cotidiano”.

Clifford Geertz (1926 - 2006)

Foi um antropólogo americano, considerado o mais influente antropólogo cultural nos Estados Unidos por três décadas, tendo feito pesquisas de campo, desenvolvido trabalhos teóricos muito importantes (foi um grande adepto da antropologia dos simbolismos) e foi professor emérito no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Graduou-se em filosofia no Antioch College e depois no Departamento de Relações Sociais de Harvard; fez seu primeiro trabalho de campo extenso em Java, estudando a vida religiosa de uma cidade pequena por dois anos e meio; posteriormente retornou a campo em Bali e Sumatra.



Tendo uma produção voltada ao interesse acadêmico da antropologia, Geertz deu uma palestra para os membros da Associação Americana de Antropologia em 1983 intitulada “Anti Anti-relativismo”, que pode ser facilmente achada na internet; essa é uma leitura muito interessante para todas as pessoas, acadêmicas ou não, interessadas em antropologia ou não. Nesse texto, Geertz procura mostrar o que considera equívocos de uma postura contrária ao relativismo sem, no entanto, construir uma defesa do relativismo. Da leitura da obra de Geertz pode-se extrair o real conceito do que seria o relativismo, uma posição que entende a necessidade de contextualização dos fenômenos, mas sem cair em um solipsismo de ausência de julgamentos; o julgamento eticamente defensável não pode se pretender livre de contexto. Ele entendia o perigo da falta de julgamento, mas também do paroquialismo e etnocentrismo. Nas palavras de Geertz, “a imagem de um mundo cheio de pessoas tão apaixonadamente afeiçoadas por outras culturas que elas aspiram apenas a celebração umas das outras não parece um perigo claro e presente; a imagem de um mundo cheio de pessoas contentemente endeusando seus heróis e diabolizando seus inimigos, ao contrário, parece”.



Origem da Sexta-Feira 13

O medo irracional do número 13 tem um nome científico: triscaidecafobia; e o nome dado ao medo da sexta-feira 13 é parascavedecatriaFOBIA (do Grego, *Paraskevi* “Sexta-feira” e *dekatreis* “treze”). A

superstição em torno desse dia provavelmente se originou durante a Idade Média, com as histórias da última ceia de Jesus Cristo e de sua crucificação; haviam 13 pessoas na sala da última ceia, e sua morte foi na sexta-feira (que, por isso, tornou-se “santa”). Por mais que hajam evidências de tanto o número 13 quanto as sextas-feiras serem considerados símbolos de má sorte, não há registros dos dois sendo referidos em conjunto como mau agouro antes do século XIX.

Uma referência em inglês pode ser achada na biografia de Gioachino Rossini feita por Henry Sutherland Edward, de 1869, aonde este diz que, tendo o biografado tanto as sextas-feiras como o número 13 como sinais de má sorte, é digno de nota que tenha morrido justo em uma sexta-feira 13. O livro “Sexta-Feira Treze” de Thomas Lawson, publicado em 1907, pode ter ajudado a disseminar a superstição, pois conta a história de um inescrupuloso corretor da bolsa que tira vantagem desse mito para criar um pânico em Wall Street na sexta-feira 13. Outra sugestão de origem diz respeito ao dia 13 de outubro de 1307, uma sexta-feira, aonde Philip IV da França prendeu centenas de cavaleiros templários; essa versão só pode ser encontrada na novela histórica “O Rei de Ferro”, de Maurice Druon, publicada em 1955.

Independente da origem do mito, ele é um elemento presente na cultura ocidental. Uma excelente franquia de filmes de terror leva o nome “Sexta-Feira 13” e conta a história de Jason Vorhees, uma criança que morre afogada no lago do acampamento Crystal Lake e volta como uma criatura mística que sempre busca vingança contra quem ali acampa.

Pergunta do mês

Esse foi o primeiro mês aonde tivemos alguma interação entre o Projeto e as contribuidoras através dessa parte do boletim. A pergunta do mês anterior foi “Qual o último livro que você leu? O que achou dele?”, e tivemos a seguinte resposta da Paula Xisto:

Querido Marcus,

Faz sentido colocar a pergunta no Boletim e faz sentido produzir o boletim.

O último livro que li foi "A Metamorfose", de Kafka. Terminei de lê-lo anteontem pelo Kindle. Achei uma loucura, agora tô atrás de discussões sobre o livro na internet. Pobre Gregor Samsa. Você já leu?

Beijos

A minha resposta foi a que segue:

Olá,

Da última vez que estive com vocês fiquei com vontade de ler esse livro, pois além de me dever ler Kafka há bastante tempo, vi o livro em cima do móvel no quarto da Alice e pensei em pegar para dar uma lida à noite, antes de dormir. Mas como você foi deitar primeiro, eu não quis entrar lá e arriscar te acordar, então peguei um do Poe e li um conto. Ainda devo ler Kafka em um futuro espero que não muito distante.

Me lembrou esse música, ó: <https://www.youtube.com/watch?v=3SGAtv5adD0>

Beijoca

Fiquei muito feliz de que a sessão “Pergunta do mês”, e o boletim de uma forma geral, tenha funcionado no seu objetivo de produzir alguma interação entre nós. Não quero que vire mais uma cobrança na vida de ninguém, ainda mais agora com o número diminuto de contribuidoras, mas fico feliz que tenha tocado alguém de alguma forma.

Do que você sente mais saudade?